

AS INTERFACES ENTRE LINGUAGENS AUDIOVISUAIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS, POSSIBILIDADES E LIMITES DO CURTA METRAGEM COMO UMA “OUTRA” COMPREENSÃO DO LOCAL E DO VIVIDO

THE INTERFACES BETWEEN VISUAL LANGUAGES AND EDUCATIONAL PRACTICES IN HISTORY AND GEOGRAPHY: EXPERIENCES, POSSIBILITIES AND LIMITATIONS OF SHORT FILM AS AN "OTHER" UNDERSTANDING ABOUT THE LOCAL AND LIVED

*Humberto Perinelli Neto**
*Rodrigo Ribeiro Paziani***

Resumo:

Nota-se especificamente nas práticas de ensino de História e Geografia uma preocupação com a construção de saberes escolares baseados na observância de categorias como ‘cotidiano’ e ‘lugar’, que enfatizam um olhar intensivamente voltado para o contexto local dos alunos – elemento de (re)significação, num tempo e espaço situados, das representações e as ações dos sujeitos, da (re)definição de suas identidades (individuais e/ou coletivas) e dos direitos à cidadania. Contudo, tanto os educadores em História, quanto em Geografia, devem ficar alertas para alguns limites de uma proposta pedagógica estritamente ‘localista’. Quando se fala de uma utilização da linguagem tecnológica audiovisual em consonância com as propostas pedagógicas existentes nos PCN’s de História e Geografia, é preciso ter em mente que não basta redimensionar o cinema à esfera local (seja em sala de aula ou fora dela), nem eleger o ‘localismo’ como a nova panacéia de uma certa ‘pedagogia’ da linguagem audiovisual. Com o anseio de promover o desenvolvimento de novas metodologias do ensino de história e de geografia é que foi elaborado um projeto de pesquisa. Trata-se de oportunizar com os vídeos a possibilidade dos graduandos refletirem sobre o ensino de história e de geografia, segundo a utilização de uma nova linguagem tecnológica e artística (o cinema), a associação com a realidade dos alunos (daí o estudo do local e do urbano), bem como a promoção de um diálogo ativo e crítico com as recomendações do PCN (1998).

Palavras-chave: História. Geografia. Cinema. Linguagem tecnológica. Metodologia.

Abstract:

specifically in the teaching practices of History and Geography notes a concern with the construction of school knowledge based on observance of categories such as 'everyday' and

* Docente do Departamento de Educação da UNESP/S. J. Rio Preto e do Centro Universitário “Barão de Mauá” (Ribeirão Preto, SP). É membro dos grupos de pesquisa CIER/UNESP, História Cultural/UEG e As tecnologias de informação e comunicação, práticas pedagógicas e a formação docente/UNESP.

** Docente da Fundação Educacional de Fernandópolis (SP), onde coordena o curso de História. É membro dos grupos de pesquisa CIER, História Cultural/UFRGS e História Cultural/UEG.

'place', which emphasize a look intensively focused on the local context of the students - element (res) significance, situated in time and space, the representations and actions of individuals, the (re) defining their identities (individual and / or collective) and rights to citizenship. However, both educators in history, as in geography, should be alert to some limits of a strictly pedagogical 'localist'. When it comes to use of language technology audiovisual in line with the pedagogical existing in "PCN's" history and geography, one must keep in mind that not just resize the movie to local level (whether in the classroom or outside), or elect the 'localism' as the new panacea of a certain 'pedagogy' of audiovisual language. With the desire to promote the development of new methods of teaching history and geography is that we designed a research project. This is creating opportunity with the possibility of graduating videos reflect on the teaching of history and geography, according to the use of a new technological language and art (cinema), the association with the reality of the students (hence the site survey and urban) as well as the promotion of an active and critical dialogue with the PCNs's recommendations.

Keywords: History. Geography. Cinema. Technological language. Methodology.

INTRODUÇÃO

O cinema é, muitas vezes, definido como sendo linguagem marcada pela "imagem em movimento" (ARAUJO, 1995). Tal definição traduz uma questão essencial do cinema: o fato de pertencer à modernidade, ou seja, ao processo histórico profundamente relacionado à aceleração das experiências humanas e, mediante isso, à transformação da percepção que homens e mulheres passam a ter sobre o tempo e o espaço, especialmente a contar do século XIX. (HARVEY, 1996; BERMAN, 1997).

Foi levando esse "pertencimento à modernidade" em conta que propomos a produção de curtas metragens como práticas de ensino de história e de geografia, almejando com isso provocar mudanças na maneira de se aprender e ensinar tais saberes escolares. Experiência iniciada em 2008 nos cursos de História e Geografia mantidos pela FEF, tal projeto se expandiu a contar de 2010 para as disciplinas "*Conteúdos e Métodos do Ensino de Geografia*" e "*Conteúdos e Métodos do Ensino de História*" ministradas no curso de Pedagogia mantido pelo IBILCE/UNESP/São José do Rio Preto.

Para levar a cabo este projeto, consideramos que nas duas últimas décadas ganharam espaço as preocupações com a produção e o lugar de produção do conhecimento, a (re)construção de linguagens na formação dos indivíduos e as distintas estratégias de uso da própria linguagem, além das abordagens que privilegiam o saber construído localmente, parecem ter ganhado força no universo da educação e da cultura escolar brasileiras, tendo em vista, entre outras coisas, as contribuições dos PCN's (1998).

Nota-se especificamente nas práticas de ensino de História e Geografia uma preocupação com a construção de saberes escolares baseados na observância de categorias como 'cotidiano' e 'lugar', que enfatizam um olhar intensivamente voltado para o contexto local dos alunos – elemento de (res)significação, num tempo e espaço situados, das representações e as ações dos sujeitos, da (re)definição de suas identidades (individuais e/ou coletivas) e dos direitos à cidadania. Contudo, tanto os educadores em História, quanto em

Geografia, devem ficar alertas para alguns limites de uma proposta pedagógica estritamente ‘localista’:

Em primeiro lugar, é importante observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. Em segundo lugar, ao propor o ensino da história local como indicador da construção da identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção de identidade tenha marcos de referencia relacionais, que devem ser conhecidos e situados, como o local, o nacional, o latino-americano, o ocidental e o mundial. (SCHMIDT & CAINELLI, 2009, p. 138).¹

Helena Callai fez uma interessante análise sobre o lugar da geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. Um dos temas citados foi o dos problemas decorrentes da abordagem dos “círculos concêntricos” nesta fase do ensino:

Uma prática tradicional na Escola Fundamental [...] é o estudo do meio considerando que se deve partir do próprio sujeito, estudando a criança particularmente, a sua vida, a sua família, a escola, a rua, o bairro, a cidade, e, assim, ir sucessivamente ampliando, espacialmente, aquilo que é o conteúdo a ser trabalhado. São os círculos concêntricos, que se sucedem numa seqüência linear, do mais simples e próximo ao mais distante [...] O problema não é partir do ‘eu’, mas sim fragmentar os espaços que se sucedem e que passam a ser considerados isoladamente, como se tudo se explicasse naquele e por aquele lugar mesmo. A dinâmica do mundo é dada por outros fatores. E o desafio é compreender o ‘eu’ no mundo, considerando a sua complexidade atual. (2005, p. 230).²

Esses são os problemas teórico-metodológicos que norteiam os conhecimentos acadêmico e escolar. Mas se trata não apenas disto: quando se fala de uma utilização da linguagem tecnológica audiovisual em consonância com as propostas pedagógicas existentes nos PCN’s de História e Geografia, é preciso ter em mente que não basta redimensionar o cinema à esfera local (seja em sala de aula ou fora dela), nem eleger o ‘localismo’ como a nova panacéia de uma certa ‘pedagogia’ da linguagem audiovisual.

Existem, de fato, fios e tramas bem mais complexos, porém criativos e potencialmente transformadores, entre o cinema e o ensino de História e Geografia. É o que veremos a seguir.

¹ Tratando deste mesmo assunto, Selva Guimarães Fonseca apontou uma série de dificuldades, no cotidiano escolar, para a concretização dos objetivos de se trabalhar com estudos de história local, dentre eles: “[...] a fragmentação rígida dos espaços e temas estudados, não possibilitando que os alunos estabeleçam relações entre os vários níveis e dimensões históricas do tema. O bairro, a cidade, o estado são vistos como unidades estanques, dissociados do resto do país ou do mundo” (FONSECA, 2003, p.154).

² Amélia Damiani parece reforçar a afirmativa das autoras acima ao tratar detidamente as relações entre espaço, sociedade e cidadania. Falando da importância das apropriações e experiências ‘territorializadas’ dos sujeitos como possibilidades de leitura do mundo e de compreensão da cidadania, ela faz a seguinte ponderação acerca dos limites do espaço local: “[...] não se trata de hipertrofiar o sentido dos lugares mais próximos, os lugares das experiências imediatas dos sujeitos, mas decifrar a superposição e inerência dos diversos espaços sociais justapostos e entremeados. A vivência exclusiva dos lugares próximos é redutora, mas sua relação com todos os outros espaços a enriquece” (DAMIANI, 2007, p.58-59).

2. CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA

Marcos Napolitano (2008) defende abertamente o uso de cinema em sala de aula. Tal autor destaca, porém, que cabe ao professor disposto a empregar esta linguagem/arte o entendimento da “estrutura comunicativa e estética de um filme”, bem como o conhecimento dos alunos envolvidos na experiência de ensino-aprendizagem baseada em cinema (cultura cinematográfica, desenvolvimento cognitivo) e verificação das condições técnicas oferecidas pela unidade escolar (sala de aula, aparelhos, acervo filmográfico). No caso do ensino de história salienta que o professor deve, ao exibir um filme, tomar cuidado com o anacronismo e o efeito “túnel do tempo”, enquanto o docente de geografia deve atentar para as visões etnocêntricas e representações ideológicas presentes em certas produções cinematográficas.

Duarte (2009) também argumenta a favor da relação entre cinema e educação: o cinema é uma linguagem centenária que imprime marcas profundas na maneira de ser e de existir de grande parcela da população, podendo-se afirmar que os filmes promovem certa educação das pessoas, uma vez entendido que a educação é todo e qualquer processo de constituição de valores levado a cabo em ambiente escolar ou em outros. Insiste, entretanto, que os professores devem conhecer a história e a linguagem do próprio cinema para usá-lo na educação, buscando com isso empregar os filmes não apenas para reflexão de certos conteúdos programáticos, mas também enquanto expressões, eles próprios, do “patrimônio artístico e cultural da humanidade”.

Ao empregarmos o cinema na educação, torna-se necessário pensar os predicados envolvendo o olhar cinematográfico, buscando traçar as diferenças que comporta em relação ao olhar humano, conforme ressalta Rosenfeld (2000). É preciso reconhecer que o olhar humano se baseia numa observação direta da realidade, por conseguinte: é uma visão compósita (central e periférica), descontínua (luminosidade, divagação, piscar e sono, por exemplo), influenciada por normas proxêmicas, relacionada aos demais sentidos humanos e ligada à auto-apresentação reflexiva. Já o olhar fílmico comporta características distintas: trata-se de uma visão central, contínua, vinculada a um roteiro, soberana em relação aos demais sentidos humanos e associada à apresentação transitiva.

Pontuska, Paganelli e Cacete (2009) valorizam o uso do cinema na educação, ao destacarem que à escola “cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação”, pois agindo assim cria condições para o desenvolvimento da “capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de apreender”.

3. A EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO A PRODUÇÃO DOS CURTAS METRAGENS NA FEF

A experiência de produção de curtas metragens na FEF fora iniciada ao final de 2008, quando um grupo de docentes dos cursos de História e Geografia – na época, os professores Humberto Perinelli Neto, Rafael Cardoso de Mello, João de Souza Lima e Rodrigo Ribeiro Paziani – de forma pioneira, decidiu promover significativas alterações em seus projetos pedagógicos, com destaque para a incorporação de reflexões feitas acerca de novas ‘situações

de aprendizagem', não apenas direcionadas aos alunos, mas com a participação efetiva deles na construção de saberes e práticas.

O principal mote dos debates acadêmicos entre os docentes dos respectivos cursos girava em torno das reais interfaces entre o uso (reflexivo) de linguagens audiovisuais (com destaque para o cinema) e a elaboração de práticas pedagógicas que preconizassem a valorização do estudo do 'local' – conceito espaço-temporal identificado ao universo simbólico e material do aluno, posto que representa o âmbito por onde constrói suas vivências e atribui significados e sentidos de mundo.

Pode-se dizer que contexto era bastante propício a mudanças desta envergadura. Entre elas, identificamos a necessidade de ajustar de forma qualitativa os conteúdos, métodos e orientações didáticas dos PCN's à reescrita dos projetos pedagógicos de História e Geografia, sem deixar de lado as discussões em torno de seus usos e limites no campo do ensino e da pesquisa.

Tal ajuste passava, em parte, por uma maior aproximação acadêmico-institucional entre os cursos – o que fora realizado com a reformulação definitiva das grades curriculares e a realização de eventos em parceria voltados ao tripé ensino/pesquisa/extensão – e, em parte, a preocupação crescente com um ferramental metodológico que possibilitasse a construção de saberes e práticas educativas focadas na dialética entre o aprender a pensar (DEMO, 2001), o aprender a aprender (FREIRE, 1997) e o aprender a fazer (FREINET, 1996).

Mas, para isto ocorresse de fato, duas outras mudanças foram muito importantes: a primeira, uma alteração da matriz curricular, que passou a ter 400 horas destinadas a 'Prática Pedagógica', presentes em todos os semestres dos respectivos cursos, sendo que as duas últimas reservadas para a elaboração dos curtas metragens, ministrado por um docente especializado área de Comunicação Social (Elisandréia Dias). Um segundo fator, não menos relevante, foi a implantação em 2009 dos Laboratórios de Rádio e TV na FEF – suportes técnicos necessários à realização dos curtas metragens.

Coube ainda aos docentes refletirem também sobre o curta metragem enquanto uma modalidade de produção técnica de curta duração, com destaque para a montagem do roteiro. Conforme diz Bayão (2002), um 'curta' pode ser identificado pelo número reduzido de páginas de seu roteiro (no máximo, trinta) e, em cada uma delas, uma mínima concepção de tempo (no máximo, um minuto): a otimização do tempo numa produção de curta duração é a principal característica deste gênero cinematográfico.

Ficou definido entre os docentes, com a participação e o acordo dos alunos, que cada curta metragem teria, no máximo, 10 minutos de duração. Esta delimitação temporal aproxima muito o 'curta' do documentário, o que favorece o seu emprego pedagógico, tendo em vista que possibilita conciliar melhor os planos de expressão e de conteúdo, por conta da produção de um roteiro em aberto e a ampla participação de todos os membros do grupo envolvido com o projeto em sua produção. (MESQUITA, 2008).

Quanto à produção dos curtas metragens, pode-se dizer que é levada em consideração a diversidade de temas. Em diálogo com os alunos, os orientadores de pesquisa lhes sugerem a predileção por temas ligados ao cotidiano, ao presente e ao lugar em que vivem, quer dizer, ao seu universo simbólico-pessoal. Claro está que esse apelo ao âmbito simbólico e pessoal do aluno não significa que se caia numa 'estética do localismo': daí a importância do exercício

antropológico da alteridade e um ‘olhar’ local articulado com problemas regionais, nacionais e até mundiais.

Basta ver o quadro abaixo, que refere-se aos curtas metragens elaborados pelos concluintes dos cursos de História e de Geografia da FEF:

QUADRO 1 – Curtas metragens elaborados pelos alunos dos cursos de História e de Geografia da FEF (2009/2010)

1	A Feira Livre do Mercado Municipal no contexto sociocultural de Fernandópolis	20	Os despejos de Votuporanga
2	Cultura, memória e identidade: as praças históricas de Fernandópolis	21	O lixo urbano de Ouroeste
3	Trajetória feminina: reflexo do comunismo em Fernandópolis	22	O acampamento A.S.T.I. de Indiaporã
4	Pontos turísticos de Mira-Estrela	23	História da Rádio Mais FM, Fernandópolis
5	Vila Aparecida: uma estrada, muitas vidas e uma cidade	24	Igreja estrela d’alva: a nova concepção arquitetônica de um templo católico em Estrela D’Oeste
6	Shakespeare, um homem fruto de seu tempo	25	Paranaíba: transformação urbana e religiosidade
7	Fernandópolis - O espaço público e o poder regulador: ruas	26	O papel das mulheres na educação: o caso de Fernandópolis
8	Morte e vida em Guarani D’Oeste: arte tumular e história do cemitério	27	SP-320: na rota do progresso do noroeste paulista
9	Um homem no ar: a trajetória do radialista Alaor Marques	28	História da arte de Fernandópolis: pintura e escultura
10	Museu Arqueológico D’Água Vermelha, Ouroeste	29	Causos ‘alienígenas’ em Riolândia: os usos da narrativa fantástica pela mídia e pelos moradores da localidade
11	Tradição e resistência: Abidoral Torquato – a trajetória de um prático-dentista no interior do Brasil	30	Eu quero é ver gol!: memórias do estádio municipal do F.F.C.”
12	A questão ambiental no Ribeirão Santa Rita em Fernandópolis	31	História de Indiaporã
13	Mulheres no volante	32	Pescaria em Ouroeste: cultura popular em questão

14	Ditos e provérbios populares, Fernandópolis	33	Uma visita ao museu de Fernandópolis: memória, identidade e patrimônio
15	100 anos de Congregação Cristã do Brasil em Fernandópolis	34	Praça Joaquim Antônio Pereira: urbanização
16	Um contador de história em Iturama/MG	35	O processo de urbanização em Cardoso
17	Um vôo de águia: a trajetória do FFC (1961/1994)	36	A integração do imigrante espanhol na cidade de Neves Paulista
18	A Estrada Boiadeira e o Noroeste Paulista	37	O império da água vermelha
19	Contar uma história de Turmalina	38	‘Afasta de mim esse cálice’: regime militar e educação em Fernandópolis – o caso dos professores de História

Tanto no curso de História, quanto no de Geografia, a existência de uma multiplicidade de temas e objetos de pesquisa em escala local (com exceção apenas do curta n. 06) representa a mola propulsora para uma série de pequenas discussões acerca de problemas globais, como a questão do lixo, do problema ambiental de rios e o turismo regional (geografia) ou as questões urbanas, a ditadura militar, o futebol, os ditos populares e até causos alienígenas! (história).

Em 2011, teremos mais um grupo de alunos produzindo curtas metragens de História e Geografia. Novos objetos, novos temas, o mesmo problema: os desafios de se compreender o local e o vivido de maneira qualitativa. Materiais de pesquisa? Mais do que isso: podem ser considerados legítimos suportes materiais para o ensino, desde que analisados à luz das atuais propostas curriculares (com todos seus avanços e limites).

4. A EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO A PRODUÇÃO DOS CURTAS METRAGENS NO IBILCE/UNESP

A experiência angariada na Fundação Educacional de Fernandópolis foi carreada para o Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Campus da UNESP situado em São José do Rio Preto, quando o Prof. Humberto Perinelli Neto foi aprovado em concurso público para ministrar as disciplinas “*Conteúdos e Métodos do Ensino de Geografia*” e “*Conteúdos e Métodos do Ensino de História*” no curso de Pedagogia.

No anseio de promover o desenvolvimento de novas metodologias do ensino de história e de geografia é que foi elaborado um projeto de pesquisa trienal (2010/2013) envolvendo a prática de ensino de história e de geografia, segundo a produção de curtas metragens, intitulado “Tempo e espaço em evidência: a produção de curtas metragens envolvendo aspectos da cidade de São José do Rio Preto como prática do ensino de História e de Geografia”.

Tais vídeos foram pensados segundo a mesma necessidade de construir expedientes metodológicos com base em categorias como lugar e cotidiano, daí o enfoque envolvendo aspectos da cidade de São José do Rio Preto, caso de “ícones arquitetônicos”, “logradouros públicos”, “inovações tecnológicas”, “condições e marcos ambientais” e “sociabilidades rurais”.

A produção dos curtas metragens não se atrelou a um fim pragmático (no caso, simplesmente produzir um vídeo envolvendo a história e a geografia de São José do Rio Preto). Ao contrário, tratou-se de oportunizar com os vídeos a possibilidade dos graduandos refletirem sobre o ensino de história e de geografia, segundo a utilização de uma nova linguagem tecnológica e artística (o cinema), a associação com a realidade dos alunos (daí o estudo do local e do urbano), bem como a promoção de um diálogo ativo e crítico com as recomendações do PCN (1998).

Em virtude de se evitar um propósito pragmático e, por extensão, assumir um compromisso envolvendo a formação desses futuros professores num sentido mais amplo é que o desenvolvimento desta pesquisa comportou a preocupação com a captação da experiência vivida pelos graduandos na produção dos curtas metragens.

Daí lançar-se mão do expediente de promover, entre outras coisas, o emprego de questionários ao longo da produção destes vídeos (“entrada”, “fontes”, “roteiro”, “edição” e “saída”), conforme metodologia qualitativa, mais precisamente, a dos estudos de caso (ANDRÉ, 2005; MINAYO, 2010; YIN, 2005). Contudo, levando-se em consideração os objetivos deste texto, nos valem apenas das informações registradas nos questionários “de entrada” e “de saída”, respondidos pelos 32 graduandos em Pedagogia, matriculados no 3º ano do curso em 2010.

Com o intuito de refletir sobre a formação escolar dos graduandos é que lhes foi perguntado no Questionário “de entrada”: “Via de regra, qual foi a experiência que viveu no ensino de geografia durante a escola?” A maioria absoluta (26 entrevistados) respondeu objetivamente que o professor havia se atido ao uso do livro didático e manuseio de mapas (que deveriam ser pintados ou cujas informações expressas deveriam ser memorizadas), daí predicados como “monótono”, “chato” e “fora da nossa realidade” serem atribuídos a este tipo de saber escolar (constatação próxima a: CARVALHO, 2004; KAERCHER, 2003).

Segundo os alunos, o cinema foi muito pouco empregado pelos professores de geografia, tendo em vista que 26 dos 32 entrevistados (81,2%) afirmaram que não foi empregado nas aulas. Assinala-se ainda que das 6 respostas positivas, 3 estavam associadas a expressões como “poucas vezes”, “algumas vezes” e “as vezes”.

Buscando ainda compreender a formação escolar dos graduandos é que pergunta semelhante ao caso da geografia lhes foi feita em relação ao ensino de história: “Via de regra, qual foi a experiência que viveu no ensino de história durante a escola?”. A maioria (20 entrevistados) apontou de forma direta para um ensino baseado, quase que exclusivamente, no emprego do livro didático, apostilas e textos escritos na lousa. Na maioria das vezes, o conteúdo era apresentado e não discutido, restando aos alunos após a leitura e/ou cópia do texto tratado, responder questões que seriam alvo de avaliação futura, o que explica a opinião dos alunos de que o ensino de história vivenciado foi algo igualmente “monótono”.

De acordo com os alunos, os professores de história usaram com mais frequência o cinema em sala de aula, tendo em vista que “apenas” 13 dos 32 entrevistados (59,3%)

confirmaram a ausência do emprego desta prática pedagógica. Contudo, a maior frequência do uso de filmes não parece estar vinculada necessariamente a melhor forma de aproveitar este recurso, uma vez que os professores de história indicavam filmes “como tarefa” (1), “ilustração” (1), “sem proposta/debate” (2), “raríssimo/raramente” (2) ou apenas “alguns” utilizaram este expediente durante a formação escolar dos alunos (1).

Além da preocupação com o entendimento da formação escolar dos graduandos, dedicamos atenção à compreensão do contato que tiveram anteriormente com certas tecnologias. Daí perguntas como: “Você já utilizou os recursos do *Windows Movie Maker*?”, “Você já manuseou máquina filmográfica?”, “De algum modo já produziu algum tipo de filmagem?” e “Já participou de algum curso de edição de imagem e som, cinema, vídeo ou algo deste tipo? Se a resposta for positiva, qual?”.

Mensuramos e analisamos as respostas envolvendo tais questões. Cerca de 34% dos alunos já conheciam o *Windows Movie Maker*; em torno de 65% disseram ter utilizado filmadoras (em situações “caseiras”); praticamente 85% já haviam produzido algum tipo de filme (“caseiros”); e apenas um havia participado de curso envolvendo filmagem. Registrava-se, portanto, que em geral a tecnologia necessária na elaboração dos curtas metragens não era totalmente desconhecida dos alunos.

Este quadro faz pensar na importância das TICs no processo de ensino-aprendizagem, por se tratar a cultura digital de algo familiar, tanto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio quanto aos próprios professores em formação, cabendo, no que se refere ao segundo grupo, organizar estratégias que permitam aprofundar este contato e que garantam o seu uso em projetos envolvendo a educação.

A verificação desses dados impeliu a necessidade da organização de algumas ações. Foi oferecido aos alunos um curso temático, denominado “Educação, Informática e Cinema: Introdução ao uso do *Windows Movie Maker*”, visando possibilitar um conhecimento introdutório dessa ferramenta em conjunto com o entendimento dos ângulos da câmera e seu manuseio para propósitos educativos.

Por fim, registra-se ainda a promoção de reuniões semanais com os grupos de alunos para que fossem discutidas as ações desenvolvidas na produção dos curtas: caso do roteiro, seleção de material, filmagens, edição e montagem, tarefas que foram cumpridas mediante a adaptação destas atividades ao propósito de construir narrativas destinadas ao ensino de história e de geografia (CARRIÈRE; BONITZER, 1996; CAMPOS, 2009; BAYÃO, 2002; MOLETTA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No término do semestre letivo, os cinco curtas metragens elaborados pelos grupos de graduandos foram apresentados em sala. Nesta ocasião, o “questionário de saída” foi respondido e nele constava 11 perguntas, dentre as quais: “Após participar da produção do curta metragem, houve algum tipo de mudança na maneira de enxergar o cinema?”

Nota-se nas respostas o conhecimento diferenciado das características da linguagem cinematográfica e da complexidade envolvendo a produção deste tipo de vídeo, uma vez que os graduandos se viram no cumprimento de atividades associadas ao desempenho do papel de

diretor, produtor, cinegrafista, roteirista e até mesmo, em alguns casos, o de ator. Tal vivência tornou recorrente a seguinte constatação expressa por um dos alunos:

[...] acho que o cinema mais que um meio de entretenimento é um meio de informação. As imagens podem refletir e dizer muito. O professor deve ter consciência disso e pautar seu trabalho no cinema para auxiliar na sua prática pedagógica. Também percebi o quanto é difícil a produção de filme, quando fui ao cinema assistir Tropa de Elite II fiquei imaginando isso, a mensagem que o filme aborda e a maneira que é conduzida as filmagens. Tudo isso tem que ser muito bem pensado.

A experiência faz pensar no emprego do cinema na educação. Sem abandonar o uso pedagógico dos “filmes produzidos”, cabe defender a produção de vídeos por parte dos professores e alunos. Isto porque, a contar da experiência relatada, é lícito afirmar que o segundo caso parece oportunizar o entendimento do cinema “por dentro”, tendo em vista que a linguagem cinematográfica e tudo que envolve sua construção (plano, roteiro, edição, etc) foi assimilado pelos graduandos na prática.

Tal vivência parece ser válida não apenas para tratar dos conteúdos programáticos, mas especialmente para cumprimento da tarefa de formar expectadores de cinema, para que entendam a gramática desta arte, absorvam a riqueza cultural que os filmes transmitem e se apropriem da potencialidade comunicativa desta linguagem, empregando-a na educação (DUARTE, 2009).

No atual estágio da pesquisa, aliamos à preocupação com a produção de curtas metragens a reflexão sobre o uso destes vídeos na escola pública. Tendo em vista o aceite do projeto “Práticas Educativas em História e Geografia”, por parte do Programa de Incentivo à Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), mantido pela CAPES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ARAÚJO, I. *Cinema: o mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995.

BAYÃO, L. G. *Escrevendo curtas: uma introdução à linguagem cinematográfica do curta-metragem*. Niterói: Nitpress, 2002.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: geografia e história*. Brasília, 1998.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Cadernos CEDES*. Campinas: UNICAMP, v. 25, n. 66, mai./ago. 2005, p.227-247.

CAMPOS, F. *Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

- CARRIÈRE, J-C; BONITZER, P. *Prática do roteiro cinematográfico*. São Paulo: JSN Editora, 1996.
- CARVALHO, M. I. *Fim de século: a geografia e a escola*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- DAMIANI, A. L. A geografia e a construção da cidadania In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *A geografia em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DEMO, P. *Professor do futuro e a reconstrução do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Saber pensar*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.
- FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas: Papirus, 2003.
- FREINET, C. *Educação pelo trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- KAERCHER, N. A. *Desafios e utopias no ensino de geografia*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- KONRATH, M. L. P. et al. Explorando estratégias pedagógicas através de “Nós no mundo”. *Novas Tecnologias CINTED-UFRGS na Educação*, v. 4 nº 2, dez. 2006. Disponível em: <www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25140.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2008.
- MESQUITA, C; LINS, C. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOLETTA, A. *Criação de curta metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo*. São Paulo: Summus, 2009.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETTE, N. H. *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- ROSENFELD, J-M. Filmar: uma reconversão do olhar In: FRANCE, C. (Org.). *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000, p.43-54.
- SCHMIDT, M. A. & CAINELLI, M. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2009.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.